

## **NECRÓPOLES FRENTE À PANDEMIA COVID-19: CENÁRIO TURÍSTICO**

### **Necropolis in front of Covid-19 Pandemic: Tourist Scenario**

**CHARLENE BRUM DEL PUERTO<sup>1</sup>, MARIA LUIZA CARDINALE BAPTISTA<sup>2</sup>**

**DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3a16>**

#### **RESUMO<sup>3</sup>**

Este trabalho traz o contexto histórico dos cemitérios e sua utilização na atividade turística, bem como as alterações em decorrência da pandemia de COVID-19. Busca-se, com este texto, sinalizar os desafios em perceber o cemitério e o turismo realizado nas necrópoles, frente à situação de calamidade na saúde mundial. É feita uma contextualização sobre os cemitérios e suas peculiaridades, aliando, também, à prática turística. O ensaio proposto está em consonância com as discussões feitas no Amorcomtur!, Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (UCS), seus pressupostos teóricos e proposições metodológicas. Associa pesquisa já realizada sobre a temática, com as discussões contemporâneas, que sinalizam para as transformações do ecossistema turístico relacionado aos cemitérios, marcado pelo crescimento exponencial de sepultamentos e mutações no ambiente, também do ponto de vista do turismo. Compreende-se que o turismo nas necrópoles também precisa ser repensado para as possíveis novas configurações pós pandemia.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Turismo; Turismo em Cemitério; Cemitério; COVID-19

---

<sup>1</sup> **Charlene Brum Del Puerto** – Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8876176910836549> E-mail [charlenedelpuerto@bol.com.br](mailto:charlenedelpuerto@bol.com.br)

<sup>2</sup> **Maria Luiza Cardinale Baptista** – Doutora. Professora no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/2996705711002245> E-mail: [malu@pazza.com.br](mailto:malu@pazza.com.br)

<sup>3</sup> **Processo Editorial Seção Especial Covid-19** – Recebido 11 JUN 2020; Aceito 14 JUN 2020.

## **ABSTRACT**

This article brings the historical context of the cemeteries and their use in the tourist activity, as well as changes due to the Covid-19 pandemic. This text seeks to highlight the challenges of perceiving the cemetery and tourism carried out in necropolises, in view of the calamity in world health. A contextualization is made about the cemeteries and their peculiarities allying with the tourist practice. The text methodology is in line with the discussions made at Amorcomtur! Study Group on Communication, Tourism, Lovingness and Autopoiesis, in the Postgraduate Program in Tourism and Hospitality [UCS], its theoretical assumptions and methodological proposals. It associates research already carried out on the theme, with contemporary discussions, which signal for the transformations of the tourist ecosystem connected to cemeteries. It is marked by the exponential growth of burials and changes in the environment, also from the point of view of tourism. It is understood that tourism in necropolises also needs to be rethought for possible new post-pandemic configurations.

## **KEYWORDS**

Tourism; Cemetery Tourism; Cemetery; COVID-19.

## **PRIMEIRAS PALAVRAS**

O presente ensaio tem como proposta discutir os desafios do cenário turísticos nas necrópoles, frente à pandemia de COVID-19. Busca-se refletir sobre as novas configurações que envolvem o rito de morte, como, por exemplo, velório, sepultamentos e destinação dos corpos, e, também, a necessidade de nova configuração do turismo nos cemitérios, em virtude da pandemia ocasionada pelo COVID-19. Para tanto, contextualizam-se os cemitérios e suas peculiaridades históricas, bem como seu uso atrelado ao turismo. Leva-se em conta as mutações das atividades cimiteriais, tanto em suas práticas habituais, quanto em relação às atividades turísticas nas necrópoles, frente à pandemia.

O ensaio aqui proposto está em consonância com as discussões feitas no Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul [PPGTUH] e registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. O grupo realiza pesquisas na perspectiva da Ciência Ecológica e Complexa, segundo a lógica transdisciplinar,

tendo como ‘nós de confluência’, o Turismo, a Comunicação e a Subjetividade, a partir dos pressupostos <trama> e <rizoma>, o que remete à lógica da complexidade e da processualidade dissipativa. Esses pressupostos implicam, então, entrelaçamentos e transversalidades em diversas áreas científicas, com vistas a compreender a complexidade dos fenômenos estudados, em conexão com ecossistemas mais amplos.

A produção destas reflexões cruzadas, entre duas autoras, tem como substrato estudos já realizados e outros em desenvolvimento no PPGTURH. Tendo como base os pressupostos que orientam os estudos Amorcomtur, entre os estudos já realizados está a pesquisa intitulada ‘Turismo Em Cemitério. O Cemitério como Patrimônio e Atrativo Turístico, considerando a Trama Morte e Vida nas Necrópoles’ (Del Puerto, 2016), que se associa a estudos mais amplos, que envolveram processualidades do Grupo de Pesquisa<sup>i</sup>. Assim, as reflexões deste ensaio se embasam nessas pesquisas e suas transversalidades teóricas, bem como nas vivências e observações contemporâneas, deste tempo de pandemia, assim como de uma coleta sistemática de informações, veiculadas em processos midiáticos.

Em termos específicos, aproximando-nos ao foco do ensaio, ressaltamos que os cemitérios, locais inicialmente destinados aos sepultamentos, são espaços portadores de histórias reveladoras, peculiares e com acervo multifacetado. Estes espaços informam muito sobre os hábitos que foram e que são característicos da sociedade em que estão inseridos. Utilizados também na atividade turística, as necrópoles são admiradas pela sua arquitetura, arte e iconografias tumulares e são vistas como uma forma de movimentar os espaços fúnebres, podendo contribuir, assim, com sua conservação. Turisticamente, muitos espaços que possuem relação com a morte já estão consolidados. O Taj Mahal, as pirâmides egípcias, os panteões greco romanos e os cemitérios em si transformam-se em atrativos turísticos há muitas décadas. O cemitério da Consolação, em São Paulo; o Recoleta, na Argentina, O Père Lachaise e Montematre, na França, são alguns exemplos de campos santos com grande visitação de turistas.

Assim, pensar nesses espaços e nas inflexões possíveis do turismo cemiterial parece ser importante neste momento, especialmente pela grandiosidade das transformações que ocorrem nesse universo, já que o exponencial número de mortes, durante o tempo de pandemia, vem alterando drasticamente as configurações cemiteriais e também colocando em xeque estruturas e processos consolidados, durante muito tempo. Tudo isso tem e terá ainda maiores implicações para o turismo praticados nesses espaços, o que pode significar fortes repercussões para as

destinações turísticas envolvidas.

A narrativa ensaística deste texto foi pensada da seguinte maneira: inicialmente apresenta-se, historicamente, o cemitério e sua relação com as medidas higienistas, de diferenciação feita pela arquitetura tumular e da sua configuração frente às pandemias da Peste Bubônica e Gripe Espanhola. Logo, explana-se sobre a relação do cemitério com o turismo, existente devido à mobilização de pessoas até as necrópoles, quer em virtude da apreciação da arte e quer motivada pela fé. Após, comenta-se sobre as novas possíveis configurações do cemitério e do turismo em cemitério, frente à pandemia do COVID-19.

### **DAS NECRÓPOLES AO TURISMO NAS NECRÓPOLES.**

Os cemitérios são também conhecidos como necrópoles, campos santos ou cidade dos mortos. Mumford (1998) expõe que “a cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos” (p.13). Isto se verifica, pois, em meio “às andanças inquietas do homem paleolítico, os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo” (p.13).

O hábito de sepultamento em locais próximos da vida cotidiana foi alterado em função de preocupações sanitárias com a saúde pública populacional. Reis (1991) explica que os sepultamentos eram uma das preocupações higienistas, que “rapidamente ganhava corpo no Brasil na década de 1830” (p. 247). Afastar os mortos da vida social era uma forma de manter a higiene pública, evitando a contaminação por miasmas. Rocha (2005) expõe que, além de medidas higienistas, as construções de cemitérios, construção de muros e calçadas, entre outras ações, faziam parte das ações, para tentar ter controle sobre a população. As tentativas de higienização, efetuadas nas cidades brasileiras de então, tinham como referência o exemplo europeu e esbarravam frequentemente “nos hábitos e condutas da população” (Idem, p. 31).

Os cemitérios sempre estiveram associados às questões sanitárias, já que os corpos eram propagadores de doenças, e mantiveram ao longo do tempo ritos e práticas habituais relativos ao sepultamento. Em situações mais extremas, contudo, como é o caso das pandemias, os espaços fúnebres mudaram suas práticas rotineiras em virtude da necessidade de medidas drásticas para conter o avanço das doenças. A Peste Bubônica, em meados do século XIV, e a gripe espanhola, no início do século XX, são alguns exemplos de pandemias que alteraram o modo de ocupação nos cemitérios, bem como os hábitos frente aos ritos de morte. Nestes casos, os sepultamentos

em covas coletivas e a separação de espaço fúnebre, para os corpos infectados pelas doenças, foram algumas das medidas tomadas frente à situação pandêmica.

Superadas as situações de pandemia dos séculos anteriores, mas mantendo os objetivos higiênicos no século XIX, os cemitérios retomaram suas atividades rotineiras e mantiveram suas distinções frente à arquitetura, arte e iconografia tumulares expressivas e imponentes. Valladares (1971) explica, no entanto, que não foi apenas a questão higiênica que motivou o sepultamento extramuros, mas também a ostentação, ou seja, “uma razão metade empírica e metade científica, da sociedade oitocentista; se apenas por isso acontecesse, os cemitérios católicos em descampados teriam permanecido sóbrios, padronizados, como os que se erigiram para as irmandades, em mausoléus coletivos, ou como os de outras religiões” (p. 279).

Em outro texto (Del Puerto, 2016), procurou-se explicar que a monumentalidade artística das necrópoles [arquitetura, arte e iconografia tumulares] ganhou dimensões diferentes daquelas estabelecidas pelo vínculo entre o sepultado e o familiar, em virtude da busca pela distinção social. Desse modo, ocorreu o início de uma monumentalização dos jazigos, com adornos que criam uma iconografia e uma arte tumular. Vale lembrar que esta característica estética do início começou a atrair olhares, até mesmo de pessoas que não tinham vínculo com o falecido. Verificou-se, então, o surgimento de visitas nas necrópoles para conhecer essas expressões artísticas, independentemente do vínculo com o sepultado.

O caráter estético dos cemitérios seculares, por exemplo, contribuiu para o início da prática da atividade turística nesses locais, seja ela feita para contemplação de arte, conhecimento histórico ou devido à mobilização pela fé, em virtude da presença de santos populares nas necrópoles. Leoti e Farinha (2018) explicam que “a visita a cemitérios permite a contemplação, o silenciamento, o aprendizado, a percepção de elementos distintos que podem ser interpretados de acordo com a história local” (p. 16).

A prática turística nos cemitérios utiliza muito destas ações, configurando-se anterior a atual pandemia, como um segmento consolidado, disponível como um produto turístico de diversos destinos. A morte e o turismo estão bastante entrelaçados, ainda que não se destaque esta relação, se comparados alguns locais com os cemitérios. Compreende-se deste modo que a morte sempre teve relação próxima com o turismo. No caso das necrópoles, pode-se dizer que a atividade turística é uma forma de avivar estes espaços, através de releituras sobre *a vida que foi*

(Del Puerto, 2016). Em outro texto, a partir de pesquisa realizada, foi abordado o desenvolvimento do turismo cemiterial, também, como o interesse pela trama da *vida que está, que ali está*.

### **NOVAS CONFIGURAÇÕES FRENTE À PANDEMIA DO COVID-19**

Pensar em novas configurações do Turismo em Cemitérios, frente ao cenário da pandemia do COVID-19, implica refletir em algo que estamos discutindo no Amorcomtur, como exercícios de sobrevivência diária, partindo de microações, que acionem o movimento de vida. Isso é fundamental, no cenário em que a morte se mostrou como nunca e se impôs, desde o mundo invisível. É a morte, e o risco que ela representa, que tem movimentado contingentes de pessoas e estruturas de prestação de serviços. Ao mesmo tempo, sua eficácia em fazer vítimas tem colocado em xeque séculos de desenvolvimento de processos envolvendo saberes e fazeres cemiteriais, em sociedades que tiveram a estruturação da destinação de seus mortos, orientadas por pressupostos sanitários, depois associados às produções dos locais de destinação dos corpos, como reprodução de universos simbólicos, com marcas econômicas, políticas, artísticas e culturais inerentes aos ecossistemas dos quais esses corpos eram provenientes.

Nos tempos atuais, em cenário em que é a morte que viaja, via desterritorializações do covid-19, os campos santos de inscrição dos corpos vitimados recebem a avalanche de novos ‘moradores’, que foram abatidos pelo ‘vírus viajante da morte’. Não houve e não há planejamento que dê conta, em um primeiro momento, para a exorbitância exponencial do aumento de número de sepultamentos. Esta é uma primeira constatação óbvia, para um número significativo de cemitérios no planeta. A realidade brasileira, especialmente, é esta, o que evidencia a crescente notificação de falecimentos e a crescente demanda por espaços e condições de sepultamento.

Nesse sentido, de um modo geral, em uma relação de trama morte e vida, fortalecida pelo crescimento da urbanização e conseqüente aproximação da área urbana nos cemitérios, já se sabia da necessidade de repensar as relações do cotidiano, no modo como se percebe e se utiliza o cemitério. O que ocorre agora é que estamos, simultaneamente, diante de uma explosão populacional sem precedentes, associada a uma imediata proibição de circulação, a não ser por extrema necessidade, também nesses espaços. Isso significa que, no momento em que houver o arrefecimento da condição pandêmica, tudo terá que ser repensado e reinventado.

Será necessário refletir sobre micro e macroações, envolvidas nos processos de sepultamento,

de higiene, de registro e informações sobre os sepultados. Será fundamental um trabalho de educomunicação para orientar pessoas interessadas em visitar esses espaços, seja por ligações afetivas pessoais, interesse cultural ou artístico, ou curiosidade relativa ao biosmidiático, já que algumas pessoas gostam de visitar túmulos de pessoas famosas, sejam elas artistas, políticos, cientistas, etc.

Por ora, pode-se dizer que não há turismo na forma e fluxo habitual. A atividade turística diminuiu drasticamente, devido à orientação de distanciamento feita pela Organização Mundial da Saúde. Segundo a Organização Mundial do Turismo [OMT], agência da Organização das Nações Unidas, há a previsão de um retrocesso entre 20 e 30% do turismo internacional em 2020, em comparação com o ano anterior. Segundo a OMT (2020) isto significa “entre 300 e 450 bilhões de dólares, quase um terço do 1,5 trilhão de dólares gerados em 2019” (s/p). Tais perdas equivalem ao crescimento dos últimos 5 e 7 anos, mais do que a crise econômica de 2008, com queda de 4% nas viagens de turistas internacionais em 2009 e 0,4 % na epidemia da SARS em 2003 (Presse, 2020)

Em contrapartida, o cenário nos cemitérios é de inchaço, de considerável explosão populacional, em virtude das mortes ocasionadas pela pandemia do COVID-19. No momento em que escrevemos, há em média mil mortes diárias, apenas no Brasil. Esta alteração do cotidiano muda a forma sobre como as pessoas se relacionam com o espaço fúnebre. O luto antes reservado a todos os familiares e amigos, agora se restringe a um número pequeno de pessoas e em horário reduzido. O sepultamento, anteriormente feito apenas em espaço único, privado, passa a ser executado, em muitos casos, em espaços compartilhados em valas, não havendo a característica na individualização, da singularidade no momento da morte.

Há, assim, uma ruptura das práticas simbólicas, em virtude de não haver tempo para se pensar em novas definições espaciais. O tempo de sepultamento, de despedida, de compartilhamento do sentimento de perda se alterou de modo drástico, fazendo com que haja uma nova configuração organizacional frente aos enterramentos. O luto ganha outra dimensão, que ora está estritamente privada, em função da proibição das aglomerações, e ora está pública, devido ao compartilhamento de espaço físico para a deposição dos corpos. O investimento em tecnologia e biossegurança, em virtude da segurança sanitária, é uma realidade também nos sepultamentos e, atualmente, se mostra com maior ênfase. Em Recife, por exemplo, a tecnologia ajuda as famílias a se despedirem de seus parentes em velórios online, pois os sepultamentos com mais de dez pessoas estão proibidos (Tardin, 2020).

Se há alterações no ambiente cemiterial, obviamente, o turismo ali realizado também se altera. O fluxo do turismo de massa e das atividades consideradas mais comuns [turismo de sol e praia, lazer e compras] diminuiu em função das medidas de prevenção de distanciamento e isolamento sociais, para combater à propagação do vírus. É difícil prever todas as alterações reais de uma pandemia. O que se pode afirmar é que haverá uma alteração comportamental inicial, na interação e, até mesmo, na comunicação sobre o turismo em cemitério, tanto pelas questões higiênicas, quanto em respeito às vítimas que morreram em função do COVID-19.

Em função de toda a crise que se vivencia, espera-se que o turista tenha maior sensibilidade frente aos elementos que compõem, simbolicamente, a *vida que foi*: suas sepulturas, seus epítáfios e a rememoração de vidas que não estão presentes, em seu formato habitual – assumindo uma condição de imortalidade subjetiva. É preciso, também, que a infraestrutura turística promova, nos campos santos, a possibilidade de o visitante visitar, rever e reconsiderar os espaços lúgubres utilizados no turismo. É pertinente que o turismo em cemitério propicie não apenas a contemplação histórico-artística usual, mas também uma reflexão acerca da vida, do que se planeja e se executa nela, de como a direcionamos e de como rememoramos aqueles que não estão fisicamente entre nós.

A intenção é de que as visitas aos cemitérios pós-pandemia instiguem outros olhares sobre a morte, mas, principalmente sobre a vida, para que não se reproduza erros, que podem levar a situações catastróficas como a que está acontecendo em função da pandemia COVID-19. O turismo sempre consumiu aquilo que é simbólico, subjetivo e, nesse sentido, o turismo em cemitério contribui - e muito -, para repensar novas condutas internas e externas, individuais e coletivas. O turismo cemiterial é um modo de convidar a humanidade a modificar os padrões comportamentais, de trazer mais afeto na forma de interagir e se comunicar, visto que a morte *vista de frente* pode provocar tais modificações a afetivações, no sentido de acionamento dos afetos (Baptista, 2019).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O turismo foi um dos setores mais afetados pela pandemia, dada a necessidade de distanciamento social, mas também é um setor que tem muita potência para se reerguer e impulsionar outras áreas diretas e indiretas: gastronomia, transportes, hospedagens, segurança, eventos, entre outros. Vale ressaltar, contudo, que as pessoas vão querer se sentir seguras ao retomar suas



viagens, e é nisto que a atividade está focando no momento, para que haja a retomada do setor. Além das medidas de segurança, o retorno das viagens dependerá de como a doença evoluirá e de como os meios comunicacionais trabalharão, para impulsionar os deslocamentos domésticos ou internacionais.

No que tange ao turismo em cemitério, é preciso destacar que a morte individual ou coletiva, sempre foi utilizada, filosoficamente, para se repensar o cotidiano de vida, apesar de que, popularmente, os cemitérios são considerados locais majoritariamente mórbidos. Estes espaços que antes provocavam medo, em função dos mitos relativos à morte [assombrações, fantasmas, etc.], podem provocar ainda maior medo em função das questões higiênicas, já que, via de regra, os cemitérios são contaminantes em potencial, ainda mais no contexto de pandemia. Nesse sentido, quando for possível novamente a circulação pelas necrópoles para visita será necessária orientação para as novas visitas, educação para a desterritorialização em um espaço compartilhado pelos vivos e pelos mortos.

A ampliação da consciência do coletivo, e do sentido da vida e da morte precisa estar associada a ações que desencadeiem uma busca pelo passado, para legitimar o presente, um devir pós COVID-19. Esse processo é importante, visando reconstruir e manter a memória dos seus antepassados e dos de outrem. Compreende-se, assim, que é preciso desenvolver um novo turismo para um novo [velho] consumidor, um turismo comprometido eticamente com aspectos de responsabilidade ecossistêmica e de amorosidade, como ética da relação e do cuidado.

#### REFERÊNCIAS:

- Batista, M. L. C. (2019). Afetivações, Amorosidade e Autopoiese: sinalizadores para narrativas sensíveis de destinos turísticos, em perspectiva ecossistêmica. In. D. A. S. F. Piccinin & J. P. Souza (Orgs.). *Narrativas Midiáticas Contemporâneas*. Sujeitos, Corpos e Lugares, pp. 47-61. Santa Cruz do Sul: Catarse.
- Del Puerto, C. B. (2016). *Turismo em Cemitério*. O cemitério como patrimônio e atrativo turístico, considerando a trama morte e vida nas necrópoles. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil. [Link](#)
- Del Puerto, C. B. & Baptista, M. L. C. (2015). Espaço cemiterial e Turismo: campo de ambivalência da vida e morte. *Revista Iberoamericana de Turismo*, 5(1), 42-53. [Link](#)
- Leoti, A. & Farinha, A.B. (2018). Turismo no Cemitério das Irmandades: Um estudo de memória, história, cultura, arte e iconografia em Jaguarão, Brasil. *Anais... XIX Encuentro*

Del Puerto, C. B. & Baptista, M. L. C. (2020), Cenário turístico nas necrópoles frente à pandemia COVID-19, **Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade**, 12 (3 – Especial Covid-19), 1-10, DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3a16>

Iberoamericano de Valorización y Gestión de Cementerios Patrimoniales, Cochabamba, Bolívia. [Link](#)

Mumford, L. (1998). *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes.

Presse, F. (2020, março, 27). Coronavírus: ONU prevê retrocesso de 20 a 30% do turismo internacional por pandemia. *G1-Globo.com* [Link](#)

Reis, J. J. (1991). *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras.

Rocha, M. A. B. B. (2005). *Transformações nas práticas de enterramento. Cuiabá, 1850-1889*. Mato Grosso: Central de Texto.

Ronan, T. (2020, abril, 23). Cemitérios investem em velórios online e túmulos biosseguros para sepultar mortos pela Covid-19 no Grande Recife. *G1-Globo.com* [Link](#)

Valladares, C. P. (1971). *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura / Departamento de Imprensa Nacional.

---

#### NOTA

<sup>i</sup> São eles: Desterritorialização Desejante em Turismo e Comunicação: narrativas especulares e de autopoieseinscricional(2013-2016); Trama Amorcomtur! Complexos processos comunicacionais e subjetivos, que potencializam o turismo, considerados sobre o viés da amorosidade e autopoiese (2016-2019); Ecossistemas Turístico – Comunicacionais - Subjetivos: sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecossistêmica, caosmótica e autopoietica(2018-atual) e, mais recentemente, o projeto internacional 'Com-Versar' Amorcomtur! – Lugares E Sujeitos! Narrativas transversais sensíveis, envolvendo sujeitos em processos de desterritorialização: Brasil, Espanha, Portugal, Itália, México, Colômbia, Egito, Arábia Saudita e Índia (2020-atual).